



#cm

2

SEGUNDA-FEIRA

Nos passos do Rei

Em 2027, a morte do Rei do Rock n' Roll completará 50 anos. Em celebração ao legado de Elvis Presley, o Brasil disparou na frente com uma “turnê” de homenagens que terá início nos próximos meses, se estendendo até o ano que vem.
Página 2

Elvis não morreu

Concertos e exposição de peças oficiais do Rei vão rodar o Brasil a partir de outubro

Fotos cortesia de Elvis Presley Enterprises, Inc. / Authentic Brands Group



PEDRO SOBREIRO

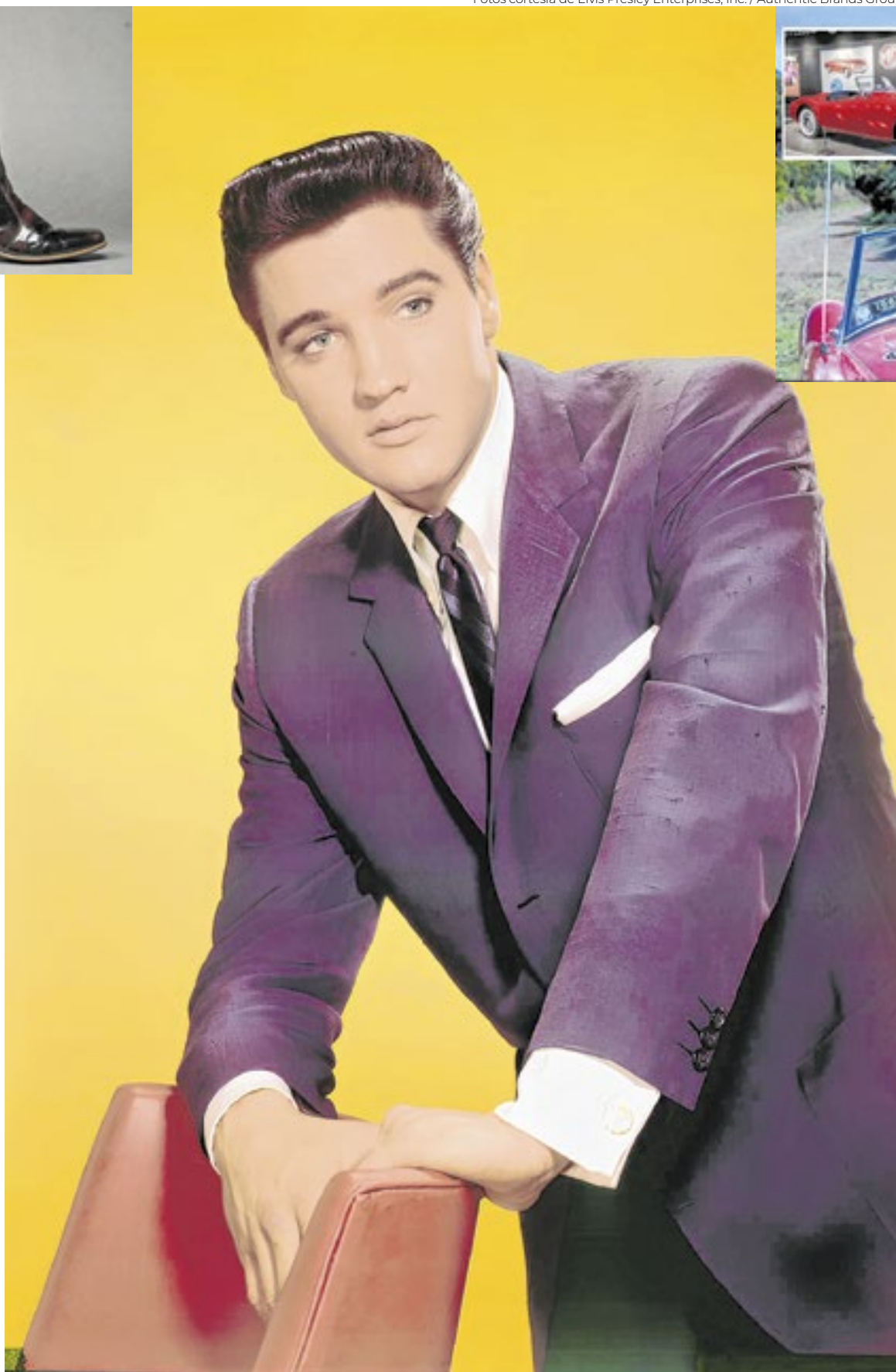
Elvis é um daqueles ícones que dispensam apresentações. O Rei do Rock marcou gerações e arrancou suspiros do mundo inteiro com sua música dançante, seus passos de dança ousados e sua beleza estonteante. Fosse pela música ou por seus filmes, o filho ilustre do Mississippi lançou tendências e se tornou um dos nomes mais influentes da história da música internacional. Com hits atemporais, Elvis segue vivo no coração de cada fã que repete seus versos por aí. E é justamente isso que a parceria entre a Elvis Presley Enterprise e o grupo WOW do Brasil quer provar.

Com uma turnê para lá de ousada, em homenagem ao cinquentenário de morte do artista - que será completado em 2027, a produtora trará ao Brasil, a partir de outubro deste ano, o espetáculo 'Elvis in Concert', que contará com a presença ilustre de Jerry Scheff, baixista do Rei, e a exposição 'Elvis - Direto de Graceland', que conta com mais de 400 itens pessoais do astro, incluindo carros, motos, roupas, objetos pessoais, prêmios e muito mais.

O espetáculo 'Elvis in Concert' volta ao Brasil em sua maior versão. A turnê passará por seis capitais brasileiras entre outubro e novembro, prometendo agitar o público que lotou estádios na última passagem por aqui, em 2012.

O concerto é uma superprodução e foi recriado exatamente no mesmo formato musical desenhado por Elvis Presley. Acompanhado ao vivo por uma orquestra de 30 músicos com a mesma configuração de seus shows, além do baixista Jerry Scheff, Elvis aparece por meio de telões que reconstitui, com imagem e som remasterizados, apresentações memoráveis do astro.

A turnê começa em São Paulo, no dia 23 de outubro, e passará por Belo Horizonte (30/10), Brasília (01/11), Rio de Janeiro (05/11), Porto Alegre (07/11) e



Carro dirigido pelo Rei em 'Blue Hawaii' é uma das peças que virá para o Brasil na exposição temática oficial, que reunirá vários objetos pessoais do astro, incluindo roupas e acessórios



Curitiba (09/11). Os ingressos estarão disponíveis em pré-venda a partir de 13 de agosto às 10h, com 10% de desconto nos sites da Bilheteria Digital, Sympla e Ticketmaster.

"O Brasil possui uma das maiores bases de fãs de Elvis no mundo, os brasileiros receberão dois dos maiores eventos internacionais assinados pela Elvis Presley Enterprises. Temos muito orgulho em poder levar a exposição para três grandes cidades do país, e o concerto para 6 capitais. Serão eventos históricos que mobilizarão diferentes gerações e todos aqueles que apreciam música e a história de

ícones universais", resume Sandro Horta, vice-presidente de conteúdo do grupo WOW.

Já a exposição 'Elvis - Direto de Graceland' terá início em 2 de outubro, passando por Porto Alegre, São Paulo e Curitiba entre 2026 e 2027.

A mostra é considerada a mais completa do mundo sobre a vida, história pessoal e carreira de Elvis, reunindo mais de 400 peças originais, vindos diretamente dos Arquivos de Graceland, incluindo o uniforme militar de Elvis, uniforme de futebol americano, figurinos de palco e roupas de uso cotidiano, joias, móveis, livros,

instrumentos musicais, sua Ferrari Dino GT4 de 1975 e o MG vermelho que aparece no filme Feitiço Havaiano.

É promessa de emoção para os fãs do Rei, que poderão ver de pertinho objetos, roteiros e itens que o acompanharam ao longo de seus 42 anos de vida. Ao longo da mostra, o público vai entender mais sobre a personalidade e carreira do ídolo, construindo uma narrativa muito interessante sobre quem foi Elvis e o motivo dele ser influente até os dias de hoje.

"Por meio de nossos arquivos e acervo, mantemos o passado vivo, preservando e compartilhando as

histórias que esses objetos representam em exposições incríveis como essa. Elvis dedicou muito de si a seu trabalho e se conectou profundamente com seu público, em um nível praticamente íntimo. É maravilhoso poder compartilhar essa jornada por de sua história com seus fãs", afirmou Angie Marchese, vice-presidente de Arquivos e Exposições da Elvis Presley Enterprises.

Os ingressos também estarão disponíveis em pré-venda a partir de 13 de agosto às 10h, com 10% de desconto. A venda geral começa a partir de 17 de agosto às 10h, ambas no site da Bilheteria Digital.

REYNALDO RODRIGUES

A realização da 59ª edição do Festival de Brasília do Cinema Brasileiro, prevista para ocorrer em pouco mais de 1 mês, ainda não está confirmada. O evento depende da liberação de recursos públicos e a equipe responsável pela organização, formada por mais de 40 profissionais, ainda não recebeu pelos serviços prestados. O atraso também afeta o funcionamento do Cine Brasília, espaço que tradicionalmente recebe parte da programação do festival.

Em nota enviada ao Correio da Manhã, a Secretaria de Cultura e Economia Criativa do Distrito Federal informou que não existe, até o momento, decisão oficial sobre o cancelamento ou adiamento da edição deste ano. Segundo a pasta, o governo acompanha a situação e mantém diálogo com a organização do festival e com as áreas responsáveis pela análise orçamentária e financeira do Governo do Distrito Federal.

A Secretaria reconheceu o atraso nos pagamentos e informou que o processo para a liberação dos recursos está em tramitação. A definição sobre a realização da 59ª edição deverá ocorrer após a conclusão das avaliações em andamento. Qualquer alteração no planejamento, segundo o órgão, será comunicada oficialmente.

A indefinição ocorre em um período de preparação para o evento, que envolve empresas e trabalhadores de diferentes áreas do audiovisual. A organização depende de serviços ligados à produção, programação, divulgação, estrutura e operação das atividades. Sem a regularização dos pagamentos e a confirmação dos recursos, profissionais e empresas contratados enfrentam dificuldades para definir cronogramas e compromissos relacionados ao festival.

Efeito dominó

O cenário também alcança o Cine Brasília. Em julho, a administração do espaço informou que a falta de recursos comprometia o pagamento de funcionários e fornecedores e poderia afetar as atividades do cinema. A unidade é um dos principais equipamentos culturais do Distrito Federal e tem relação histórica com o festival.

Projetado por Oscar Niemeyer e inaugurado em 1960, o Cine Brasília integra o conjunto urbanístico da capital federal, reconhecido como Patrimônio Mundial da Humanidade pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco) desde 1987. O cinema é voltado à exibição de produções audiovisuais e recebe



O premiado diretor Kleber Mendonça Filho e elenco de 'O Agente Secreto' marcaram presença na última edição do Festival

Cinema em tela suspensa

Secretaria de Cultura e Economia Criativa do DF nega cancelamento ou adiamento da 59ª edição do tradicional Festival de Brasília

“Já é tarde, mas ainda estamos em tempo de resolver essa situação. Não apenas a do Festival de Brasília, mas também a de projetos do Fundo de Apoio à Cultura”

TIAGO DE ARAGÃO

anualmente atividades do Festival de Brasília do Cinema Brasileiro.

A situação do festival preocupa profissionais do setor audiovisual, que apontam possíveis consequências para uma cadeia de trabalhadores e empresas que organiza suas atividades considerando o calendário do evento. Para Tiago de Aragão, diretor Centro-Oeste da Associação das Produtoras Independentes do Audiovisual Brasileiro (API), o impasse não se limita à realização da 59ª edição.

Segundo Aragão, o caso faz parte de um cenário de dificulda-

des que atinge projetos, trabalhadores e equipamentos culturais do Distrito Federal. O diretor relacionou os problemas enfrentados pelo setor à insegurança provocada pelo envolvimento do Governo do Distrito Federal, por meio do Banco de Brasília (BRB), com o Banco Master.

“A situação do Festival de Brasília é sintoma de um problema maior que afeta todo o Distrito Federal. Falando especificamente da cultura, estamos vendo projetos, trabalhadores, equipamentos culturais e público pagando uma conta que não é nossa. O envolvimento do GDF, via BRB, com o

Banco Master criou grande insegurança jurídica e imprevisibilidade para o nosso setor”, afirmou.

Na avaliação do diretor, um eventual adiamento ou cancelamento da 59ª edição teria impacto sobre centenas de profissionais e produtoras que organizaram suas atividades levando em consideração a participação no festival. O evento também é utilizado como espaço para circulação e lançamento de produções audiovisuais, o que amplia os efeitos de uma possível mudança no calendário.

“Cancelar ou adiar o Festival de Brasília vai impactar centenas de profissionais e produtoras que organizaram sua temporada de trabalho e lançamentos para participar do evento. O GDF não honrar a realização do festival mais tradicional do país será uma mancha na história do evento, que só não foi realizado em tempos de ditadura”, disse Aragão.

O diretor também citou dificuldades relacionadas a outros mecanismos de financiamento cultural. Entre eles estão proje-

tos contemplados pelo Fundo de Apoio à Cultura (FAC), que, segundo ele, ainda aguardam pagamentos.

Outro ponto mencionado é a contrapartida do Distrito Federal nos Arranjos Regionais. De acordo com Aragão, o não cumprimento desse compromisso pode resultar na perda de R\$ 30 milhões em recursos federais destinados ao setor cultural.

“Já é tarde, mas ainda estamos em tempo de resolver essa situação. Não apenas a do Festival de Brasília, mas também a de projetos que não foram pagos, além da contrapartida dos Arranjos Regionais, que, se não honradas, fará com que o DF deixe de receber os recursos federais, dinheiro esse que seria muito bem-vindo em tempo de crise”, concluiu.

A Secretaria de Cultura e Economia Criativa informou ainda que reconhece a importância histórica e cultural do Festival de Brasília do Cinema Brasileiro e que a realização da edição de 2026 continua em análise.



Goat



Brave New Love

O que o Leopardo viu de melhor



Enquanto vozes autorais brasileiras se preparam para invadir as telas de Locarno, o festival suíço – um dos mais prestigiados do mundo – consagra seus primeiros achados deste ano

RODRIGO FONSECA

Especial para o Correio da Manhã

Representante do Brasil na corrida pelo Leopardo de Ouro de 2026, “A Margem do Rio”, de Enock Carvalho e Matheus Farias, fará sua estreia na competição oficial de Locarno na tarde desta terça-feira, com uma promessa de mistério e erotismo. Esse thriller queer acompanha os perigos em torno de um jovem zelador, Izaquiel (Caique Copque), depois de ele ser alocado na sede de uma seita evangélica, cujo pastor (Robério Diógenes) é uma figura controladora, com apreço por armas. Ítalo Martins, Artia Lauandah, Renna Costa e Ísis Broken integram o elenco dessa narrativa de forte dimensão sensorial, que parece confirmar o interesse autoral de Farias e Enock por personagens em conflito com a paisagem e com a própria identidade.

A presença brasileira no festival suíço, que inaugurou sua 79ª edição no último dia 5, estende-se para a mostra Cineasti del Presente, voltada para primeiros e segundos longas. Por lá, nesta quarta, a diretora Ana Vaz apresenta “Hanabi” (em inglês “Fire Flower”), reafirmando sua posição entre as vozes mais experimentais do cinema contemporâneo. Enquanto esse bonde nacional não dá o ar de sua invenção, confira o que Locarno viu de bonito este ano, fim de semana adentro.

BRAVE NEW LOVE, de Maria Bäck (Dinamarca/ Suécia): Duas estrelas da Noruega, Kathrine Thorborg Johansen e Anders Danielsen Lie, esbanjam talento neste delicado estudo sobre a fronteira entre desejo,



Los Días Libres



Miriam et Moi

responsabilidade e culpa. Na trama, a hipnoterapeuta Kate (Kathrine, em sublime atuação) mora com seu marido, Orla, e sua filha, Athena, ao mesmo tempo em que mantém um relacionamento profundamente romântico - e altamente secreto - com Andreas (o papel de Anders). Como modelo para sua filha, ela se esforça para manter a vida equilibra-

da, em meio a pesquisas rituais que envolvem a mitologia grega e uma gravidez não esperada. Dos títulos em disputa já vistos, é um dos maduros no âmbito da montagem.

GOAT, de Judy Kibinge (Quênia): Um tocante estudo sobre reparação histórica envolvendo disputas territoriais, construído com ecos fabulares. Quando o noivo da

jovem Suki leva sua amada a uma quinta isolada, a fim de comprar uma cabra, ela quer sair dali imediatamente, sem entender a razão do desconforto. No entanto, depressa se apercebe de que a antiga árvore Mugumo está a exigir que ela salde uma dívida da qual nem sequer sabia que tinha.

REHMAT, de Gurminder Singh (Índia): Consagrado em Cannes, há onze anos, com “O Quarto Código”, o diretor deste drama coral é um cronista da resiliência. Seu roteiro se constrói a partir de três histórias interligadas no território de Punjab dos dias de hoje. Numa delas, uma mulher acolhe secretamente um estranho ferido na sua casa, enquanto a família dele suporta o peso do luto e de escolhas impossíveis. Entretanto, um idoso misterioso chega a uma aldeia, autodenominando-se Deus.

LA ILUSIÓN DE UN VERA-

NO SIN FIN, de Alessandra Sanguinetti (Argentina): Esbanjando empatia, este documentário de acompanhamento foi rodado ao longo de 25 anos, atento às vidas de duas primas inseparáveis na zona rural do Pampa argentino, a começar como um jogo de fantasia da infância e evoluindo para um profundo estudo colaborativo sobre o tempo, a memória e a feminilidade.

O PROFETA, de Ique Longa (Moçambique): Ecoa Suíço adentro a força do desempenho de Admiró De Laura Mungumbe no papel do pastor Hélder, que já não encontra mais amparo nas páginas da Bíblia. Hélder perdeu a sua fé no Senhor, o que é uma catástrofe para um sacerdote. Profundamente amado pelo povo da sua paróquia, em Manjacaze, ele vai buscar saída num reino inesperado: a bruxaria tradicional. Durante algum tempo, as forças que invoca funcionam a seu favor, até que, de repente, só lhe sobra o vazio. Brota daí um ensaio lindo sobre crença, que chegou a Locarno importado do Festival de Roterdã.

NEW YORK, MIRIAM ET MOI, de Rémy Schaepman e Léahn Vivier-Chapas (França): A mais potente animação vista em Locarno até aqui, centrada na área infantojuvenil do festival, revive a linhagem dos thrillers de espionagem, mas numa mirada mirim. O desenho se passa nos EUA de 1941. Quando seu pai desaparece misteriosamente, um garotinho precisa expor uma rede de conspiradores para salvá-lo. O problema: sua idade faz com que ninguém o leve a sério.

LOS DÍAS LIBRES, de Lucila Mariani (Argentina/ Brasil): Victoria Pereda é a diretora de fotografia desta coprodução entre terras hermanas e vem sendo elogiada por seu esmero nos enquadramentos. Sua atmosfera é a de um futuro próximo. Num amanhã que não tarda a chegar, durante suas férias de verão intermináveis, com um eclipse solar a se aproximar, Bego, de 12 anos, luta para encontrar o seu lugar na família e entre as meninas de sua idade. À medida que a lua parece eclipsar os animais e as pessoas à sua volta, ela conhece REN__, um amigo online, que a inicia no shifting, uma prática em que os adolescentes acreditam que podem entrar noutras realidades através de sonhos lúcidos.

ENTREVISTA | DENIS CÔTÉ

CINEASTA

‘O cinema de Quebec vive isolado, com dificuldade de trocar com os EUA’



RODRIGO FONSECA

Especial para o Correio da Manhã

Interessada tanto em promessas autorais - como a alemã Ann Oren e o vietnamita Le Bao - quanto em artesões de longa estrada, vide a francesa Sarah Leonor e o sul-coreano Hong Sangsoo, a briga pelo Leopardo de Ouro de 2026 encontrou seu mais ousado concorrente - até agora - na zona francófona do Canadá. Lá, Denis Côté é uma usina de dramaturgia imparável. De sábado, ao fim da primeira sessão de seu “Violence Du Corps De L’Autre”, até hoje, o Festival de Locarno não para de debater essa espécie de thriller existencialista, que encontra na morte um lugar de sublimação - tão forte quanto o sexo.

Na trama escrita e filmada por Côté, Mira, uma mulher solitária e de poucas palavras, viaja pelo mundo, encontrando pessoas desesperadas com quem parece estabelecer estranhos pactos mortais. Sem um destino aparente, ela se depara com Madeleine e Ludo, dois hedonistas de espírito livre que vivem nas profundezas da floresta. Ali, a moça começa a questionar as suas escolhas de vida.

Apoiado em enquadramentos avessos à obviedade, o cineasta mergulha no coração dessa personagem a fim de entender as angústias que a governam.

Visualmente, é o trabalho mais radical desse diretor de 52 anos, mais conhecido por “Vic+Flo Viram um Urso” (2013). Poço de produtividade, com cerca de 30 filmes rodados e lançados de 2005 até hoje, num volume raro não só para seu território, Québec, mas para o audiovisual de verve autoral como um todo, Côté sempre bate ponto na competição oficial da Berlinale (ou em suas mostras paralelas), tendo criado vínculo com uma das mais prestigiosas vitrines para vozes de invenção. “Antologia da Cidade Fantasma” (2019) e o brilhante “Higiene Social” (2021) ilustraram sua



Vincent Biron/Divulgação

“Não sou delicado, mas eu deixo espaços abertos para a troca. Talvez aqui eu tenha sido mais humanista, com mais empatia”

mirada sobre a incomunicabilidade. Agora é a vez de Locarno avaliar sua realização mais audaciosa, que coincide com um momento de volta por cima de seu organismo, após uma convalescência de problemas renais.

No papo a seguir, via Zoom, Côté contextualiza seu universo.

Em geral, a solidão é um elemento quase físico em seus filmes, quase como se o vazio fosse um coprotagonista de suas histórias, sendo que “Violence Du Corps De L’Autre” parece

tratar da condição solitária de uma outra forma, menos dóida, mais propositiva. Que caminhos a solidão toma no seu cinema, neste novo trabalho?

Denis Côté - Eu fiz esse filme depois de um transplante de rim. Ele se estabelece entre a doença que me levou à cirurgia e uma nova fase da vida, em que me reencontro cheio de energia. Não o definiria como um trabalho autobiográfico, mas posso dizer que ele talvez seja o meu filme mais pessoal. Nessa medida, posso te dizer: eu sou uma

pessoa muito solitária, mas que vive uma paixão pelos filmes que amo. Essa solidão que você observa eu reconheço, mas ela vem do fato de que todos somos solitários uns com os outros. Na maioria dos meus filmes, eu gosto de mostrar que podemos estar sozinhos em uma comunidade, ou com pessoas que fingem cuidar ou cuidam genuinamente de nós. O que há de novo aqui, pela minha condição de saúde, é que ele carrega mais liberdade. Eu filmava dizendo às pessoas que me perguntavam o que fazer: “Não sei. Faça o que quiser e

vamos encontrando o filme”.

O rendimento de seus elencos, sobretudo da atriz Larissa Corriveau, habitual colaboradora de sua obra, é sempre notável. Quer caminhos você segue em “Violence du Corps de L’Autre” na construção da figura de Mira?

Não sou delicado, mas eu deixo espaços abertos para a troca. Talvez aqui eu tenha sido mais humanista, com mais empatia. Em alguns processos, com os atores, pareço estar intimidado por eles, e, noutros, eles podem se intimidar comigo. Com Larissa, pela intimidade da parceria que temos, já nem preciso falar nada, pois ela me entende em simples gestos.

Muitos de seus filmes têm núcleos femininos fortes. Há quem te atribua classificação bem parecida àquela que se usa para Pedro Almodóvar: “um diretor de mulheres”. No entanto, a impressão nesse novo projeto é que você fala de almas, não de gêneros. Como se dá a sua abordagem da condição humana?

Gosto de te ouvir falar em “almas”, pois acredito falar mais sobre seres humanos, espiritualmente, do que sobre masculino e feminino. Quando eu fiz “Un Été Comme Ça”, um dos meus filmes que considero mais próximos do acabamento que buscava, muita gente se pôs a me perguntar qual era o direito de um homem heterossexual em falar sobre mulheres. Eu tive uma recepção boa, mas ela foi delicada nesse aspecto de gênero, pois era uma história sobre mulheres. Mas o interesse ali era a condição humana daquelas pessoas.

Como você avalia o cinema canadense que é feito hoje?

Você me pergunta sobre o cinema que se faz em Quebec, possivelmente? Pois é o cinema a que pertenço no Canadá, à parte que fala francês. O cinema de Quebec vive isolado, pois temos muita dificuldade de trocar com os Estados Unidos. A parte anglófila do Canadá tem um cinema que se mistura muito ao dos EUA. Nós, aqui, mal nos conectamos com Toronto. Temos uma luta para encontrar uma identidade. Aqui, nesta área, surgiram vozes como Xavier Dolan, eu, Monia Chokri, Jean-Marc Vallée (morto em 2021), Denis Villeneuve.

Qual será o seu próximo projeto?

Será uma adaptação de um livro japonês chamado “Revólver”.

CORREIO CULTURAL

Divulgação

Jafar Panahi será homenageado pelo colega no NYFF

Kleber vai lançar curta sobre Jafar Panahi

O cineasta Kleber Mendonça Filho anunciou em suas redes sociais que lançará um novo filme durante o New York Film Festival, em outubro. Trata-se do curta-metragem “South of Tehran”, centrado no cineasta iraniano Jafar Panahi, que venceu a Palma de Ouro por “Foi Apenas um Acidente”. Como uma homenagem para o colega, Mendonça Filho vai costurar oito minutos

de conversas com Panahi pelas ruas de Nova York, rodadas em outubro do ano passado, na época em que o pernambucano divulgava “O Agente Secreto”. A ideia surgiu a partir de uma sugestão dada por Dennis Lim, diretor artístico do festival, como uma proposta de um documento para o futuro. O trabalho foi filmado em 16mm, com fotografia de Evgenia Alexandrova.

Deu kriptonita

A passagem de “Supergirl” pelos cinemas terminou longe do esperado pela Warner Bros. Poucas semanas após deixar o circuito exibidor, o longa chega às plataformas de aluguel e compra digital carregando um título nada desejado: o de pior desempenho comercial de um filme da DC nos últimos 20 anos. Segundo estimativas da revista Variety, o filme arrecadou aproximadamente US\$ 125,9 milhões tendo sua produção orçada em US\$ 170 milhões - sem considerar os custos de divulgação. Ou seja, deu prejuízo grande.

Maldição do pôster

Mesmo após a estreia de “Maldição da Múmia”, o novo terror dirigido por Lee Cronin está cercado de polêmica no Reino Unido. A Autoridade de Padrões de Publicidade proibiu a exibição dos cartazes do filme no metrô de Londres e em parte dos outdoors da cidade.

Maldição do pôster II

O órgão considerou que as imagens poderiam assustar o público, especialmente crianças. A decisão foi tomada após reclamações de passageiros. O veto também foi ampliado para outdoors. O cartaz traz o rosto de uma mulher mumificada com uma aparência realista.

Bilheteria nacional cresceu em 2024

O cinema brasileiro foi responsável por 90% da expansão do público nas salas de cinema em 2024, segundo levantamento da Tomun, empresa especializada em dados do setor. Sucessos como “Ainda Estou Aqui” (foto), “Minha Irmã e Eu” e “O Auto da Compadecida 2” impulsionaram o avanço. No entanto, o estudo revela forte concentração de audiência em poucos títulos de grande apelo.



Adrian Tejido/Divulgação



Divulgação

Marco Nanini e Guilherme Weber estão no elenco de ‘Fim de Partida’, principal atração do festival em sua última semana

O incômodo em cena

2º Festival de Teatro do Rio chega à sua última semana com quatro montagens perturbadoras no palco do Teatro Total Energies

O Festival de Teatro do Rio entra em sua última semana ocupando o Teatro TotalEnergies, na Glória. A edição repete a fórmula de estreia, em 2025: apresentar montagens que impactaram a cena teatral recente, debater a formação de novas plateias e fomentar o setor.

Mas é na reta final que a curadoria mostra sua aposta mais clara — e talvez mais perturbadora. Em vez de fechar com celebração, o festival escolhe encerrar com Samuel Beckett, talvez o autor mais incômodo da dramaturgia ocidental e, de quabra, cercá-lo de três produções da mostra Nova Cena que, cada uma a seu modo, também recusam o consolo.

“Fim de Partida”, em cartaz de 13 a 16 de agosto no Teatro TotalEnergies, tem Marco Nanini como Hamm — cego, numa cadeira de rodas, ditando o fim — e Guilherme Weber como Clov, seu servo e único vínculo com o mundo exterior. A direção é de Rodrigo Portella, e o elenco ainda conta com Helena Ignez e Ary França. Escrita nos anos 1950 sob o impacto da Segunda Guerra, a tragicomédia

de Beckett descreve com precisão perturbadora um mundo preso em repetições, jogos de poder e uma espera que nunca se resolve.

A mostra Nova Cena, vertente do festival dedicada a artistas em processo de consolidação, ocupa os dias anteriores com três produções que desenham novos caminhos cênicos. “Maldita”, vencedora do Prêmio APTR de Melhor Direção, traz um grupo de artistas da Baixada Fluminense que fez sua primeira temporada na Zona Sul carioca no início de 2025 e já acumula mais de 3,5 mil espectadores. A montagem propõe uma releitura das tragédias gregas — Édipo Rei, Sete Contra Tebas e Antígona — filtrada pela ironia e pelo humor do universo drag, com paródias, lipsyncs e referências à cultura pop.

“O Buraco”, em sessões gratuitas na sala Adolpho Bloch, flerta com o teatro do absurdo ao contar a história de um buraco que aparece num dos andares de um edifício LaPlace, alterando e desorganizando a rotina dos condôminos. Reações desproporcionais levam a trama às raízes do absurdo, numa dissecação das neuroses de classe que regem a vida em comunidade.

Já “1 Peça Cansada”, de Natasha Corbelino, nasceu de um esgotamento literal. Após uma turnê teatral na França, a autora e produtora carioca se viu diante de um dilema: cansaço profundo de um lado, nenhum projeto em vista do outro. Transformou a sala de seu apartamento em palco e abriu a porta — mais de mil pessoas passaram por lá. Agora migrada para o teatro convencional, a performance acumula referências que vão de Van Gogh a Clarice Lispector e propõe uma reflexão sobre o cansaço como condição estrutural da sociedade.

“O festival se consolidou como um espaço de encontro, celebração e reflexão sobre a cena teatral. O sucesso desta edição, com sessões lotadas e uma participação tão expressiva do público, tanto nas plateias dos espetáculos quanto nas oficinas e no Palco 360, revela a força do teatro e reafirma a importância de ações que aproximem artistas, suas obras e o público”, comemora a curadora Maria Siman. “Mais do que os números, o que fica é a sensação de que construímos um festival vivo, plural e conectado com o seu tempo”, completa.

SERVIÇO

2º FESTIVAL DE TEATRO DO RIO

Teatro TotalEnergies (Rua do Russel, 804 — Glória) | Programação completa em www.https://festivaldeteatrodorio.com.br

A chef Bela Gil escolheu um dos endereços mais badalados de São Paulo para abrir o Preta Maria — restaurante de cozinha autoral africana instalado no complexo Mata São Paulo, a um passo da Avenida Paulista. O nome homenageia a irmã, a cantora Preta Gil, falecida no ano passado.

A aposta na cozinha africana como especialidade é inédita no chamado fine dining paulistano. Bela passou três anos pesquisando receitas da Nigéria, Angola, Moçambique e Senegal — sem a pretensão de replicar fielmente o que se come na África hoje. “Não tenho a pretensão de falar: ‘ó, você vai conhecer toda a culinária africana aqui’. Mas é a porta de entrada, sabe?”, disse em entrevista, há pouco mais de um mês, às vésperas da inauguração.

O cardápio reflete esse percurso. O mafé (R\$ 70), ensopado cremoso de amendoim com legumes e sobrecoxa de frango, finalizado com espuma de leite de coco e chilli oil, é o exemplo mais eloquente. Diferente do Camélia Òdòdó, vegetariano que Bela inaugurou em 2021 na Vila Madalena, o Preta Maria também serve carnes — caso do arroz jollof (R\$ 89), com camarões e lulas grelhados, e do sega wat (R\$ 80), guisado bovino com especiarias etíopes, purê de cará, arroz da terra, couve crispy, pickles de cebola e ovo.

A herança baiana — a chef cresceu com uma mãe filha de santo — aparece no acarajé, no croquete de efó e na moqueca. A carta de drinques merece atenção própria: o jurubeba sour (R\$ 55), com cachaça de amburana e

Cozinha africana ‘invade’ a alta gastronomia paulistana

Preta Maria, novo restaurante de Bela Gil, oferece pratos ancestrais nos arredores da Avenida Paulista



Bela Gil passou três anos pesquisando receitas da Nigéria, Angola, Moçambique e Senegal

cumaru, divide o destaque com um negroni de dendê (R\$ 65) e um spritz de cajuína (R\$ 59).

O desafio de traduzir a cozinha africana para os códigos do fine dining foi, segundo Bela, um dos maiores obstáculos. “Tem pouca referência de fine dining para essa comida. Como se apresenta um mafé? Agora você pega uma massa, tem mil apresentações. É só abrir o Instagram”, afirma.

O ambiente ajuda a construir essa experiência. Um balcão de granito azul Bahia preside o bar, enquanto uma estrutura circular de ripas de bambu percorre paredes e teto do salão, dialogando com sofás estampados em azul e amarelo e espelhos geométricos.

O espaço de 165 m² fica dentro do complexo Mata São Paulo, acessível por um caminho lateral ladeado por plantas — onde também operam os restaurantes Matta Città e Lavva, a Casa Bradesco e um centro de compras.

Para Bela, estar em um complexo de alto padrão tem peso simbólico. “Estar aqui também representa muita coisa, né?” Ela vê no momento uma abertura maior do público para o protagonismo negro na cena cultural. “Antigamente não tinha esse respeito. Isso é consequência da atuação do movimento antirracista e do movimento preto no Brasil” comenta.

SERVIÇO
PRETA MARIA
Complexo Mata São Paulo
(Alameda Rio Claro, 190, Bela Vista)
Horário atual (soft opening):
19h às 22h
@restaurante.pretamaria

NOTÍCIAS DA COZINHA

POR NATASHA SOBRINHO



Sanduíches italianos

A Mare Mare Pane e Vino acaba de abrir nova unidade no Rio Design Barra. O espaço, com 28 lugares, mantém a proposta da marca de oferecer sanduíches artesanais preparados com produtos italianos e focaccia de longa fermentação. Os frios são fatiados diariamente, e os recheios combinam ingredientes selecionados e molhos exclusivos. Além dos sanduíches, o cardápio traz a sopas, saladas e sobremesa.



Brotou novidade

Referência em gastronomia vegetariana, o restaurante Brota, em Botafogo, está com novidades no cardápio assinado pela chef Roberta Ciasca. A nova temporada traz pratos criativos como as Batatinhas, coalhada e chimichurri, a Salada grega com trigo e queijo de cabra, o Arroz de agrião, cenoura e stracciatella e Xodó do Oriente, um prato com cogumelos em caldo picante oriental, tofu grelhado, pickles de vegetais, arroz gohan e salada de ervas.



Subsolo musical

O Cave Music Lounge é o novo endereço para quem busca música ao vivo em um ambiente intimista no Leme. Instalado em um espaço subterrâneo à beira-mar, na Avenida Atlântica, o casa aposta em apresentações musicais de jazz, blues, bossa nova e MPB, acompanhadas por uma carta de vinhos e menu renovado semanalmente. A casa ocupa o antigo espaço do Taverna del Mar, ao lado do quiosque Deseo.

SEGUNDA NO 2

por
**FERNANDO
MOLICA**

Os muitos impactos do inacreditável Inhotim

Tão relevante quanto as gigantescas, belas e desafiadoras obras apresentadas no (e tome de insuficientes adjetivos) impressionante Instituto Inhotim, em Brumadinho (MG), é a relação que lá se estabelece entre espaço, arte e público. Não dá para separar o que é exposto do ambiente e das pessoas que circulam por aqueles intermináveis caminhos.

Mais do que uma imersão em uma parcela significativa da produção contemporânea, Inhotim oferece a possibilidade de um despojamento em relação ao peso simbólico presente ao universo das artes plásticas e visuais. O passeio pelas galerias e obras externas afasta qualquer necessidade de conjugação do verbo entender, que acaba substituído pelo desfrutar.

Claro que pessoas com maior grau de conhecimento daquele universo têm outras possibilidades de diálogo com o que é exibido — serve para Inhotim e para um jogo de futebol —, o conjunto faz uma espécie de contraponto ao saber acadêmico, formal e, muitas vezes, excludente.

Por mais espetaculares que sejam, as obras são obrigadas a reconhecer que parecem pequenas diante das árvores que as cercam: é como se estas tivessem aceitado ceder uma parte de seu espaço para criações humanas que com elas dialogam. Caso muito evidente em “Contraplano”, de Lais Myrrha, que chamou para a conversa um famoso projeto de Oscar Niemeyer, o edifício de Belo Horizonte que leva seu nome — a obra de Myrrha ressalta o que há de escultor no arquiteto.

Mas nada se compara com a interação do público que, posto à vontade em um espaço tão amplo, afetuoso e acolhedor. Sabe que as obras estão ali para serem vistas, admiradas e, em diversos casos, tocadas. Pessoas que, talvez, tenham por lá um primeiro contato com uma produção que revela-se próxima e companheira.

A brincadeira que tantos trabalhos propõem resgata a aceção



Fernando Molica

“Contraplano”, de Lais Myrrha, obra que remete a Niemeyer e está instalada em Inhotim

As obras são obrigadas a reconhecer que parecem pequenas diante das árvores que as cercam: é como se estas tivessem aceitado ceder uma parte de seu espaço para criações humanas que com elas dialogam.

primeira da expressão fazer arte. E aí vale brincar de casinha em “Invenção da cor, Penetrável Magic Square #5, De Luxe”, de Hélio Oiticica e chutar bolas de aniversário

e deitar nas redes que ele e Neville D’Almeida oferecem na Galeria Cosmococa.

A grandiosidade de outras obras, como a de Robert Irwin, colocada no ponto mais alto do instituto, e “Beam Drop Inhotim”, de Chris Burden, não é opressora — ambas parecem nos chamar para brincar. O mesmo convite feito por “Rodoviária de Brumadinho”, de John Ahearn e Rigoberto Torres: dá vontade de entrar no ônibus azul.

Como não desejar dirigir um dos três fusquinhas que, em “Troca-troca”, se oferecem depois de cometerem a travessura de misturarem entre si partes de sua carroceria — um era azul; outro, amarelo; o terceiro, vermelho. Em uma viagem do Rio a Curitiba (PR) comandada pelo artista Jarbas Lopes, talvez tutor do trio, viraram uma mistura, um passou a fazer parte do outro.

Há trabalhos que capturam uma atenção maior, que surpreendem pela imposição e delicadeza, como “Ttéia 1 C”, de Lygia Pape, um quase desafio ao visitante que se vê

capturado pelas teias de fios metalizados. As fotografias de Claudia Andujar que tratam dos yanomamis funcionam como janelas que, lá do meio de Minas Gerais, revelam outro povo, frisam outras luzes, outra maneira de ver o mundo.

Exposições temporárias, como “Esconjuro”, de Paulo Nazareth, e “Dupla Cura” de Dalton Paula, também pegam o visitante pela mão para um passeio de desafios, obstáculos e beleza. A nobreza que Paula atribui a personagens negros é um manifesto artístico e político, que leva seus modelos aos seus devidos lugares históricos.

Inusitado, por sua ousadia, por seu tamanho e por suas qualidades, Inhotim — que ganhará um irmão ainda mais gigantesco ao lado — é quase inacreditável. Seu impacto é tão positivo que, de maneira até contraditória, provoca tensão, ressalta tragédias e misérias de um país que teima em brigar consigo mesmo. Carrega, em si, beleza, provocações e desarrumações que, em saudável conflito, apontam para novas alternativas.